

10 de Janeiro de 2018

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira



TEMER SANCIONA LEI QUE CRIA A AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO

O presidente Michel Temer sancionou hoje (27) a lei que cria a Agência Nacional de Mineração (ANM). A nova agência substitui o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) na regulação e fiscalização do setor de mineração.

Vinculada ao Ministério de Minas e Energia, a ANM tem, entre suas atribuições, a fiscalização da atividade de mineração e a responsabilidade por vistorias, notificações, autuação de infratores e adoção de medidas como interdição e aplicação de sanções.

Pela Constituição, a atividade de mineração é autorizada sob o regime de concessão pública. Como contrapartida, as empresas exploradoras têm de pagar compensação aos entes da União.

A nova agência contará com uma diretoria colegiada, composta por cinco diretores, para dirigir seus trabalhos.

Os diretores serão brasileiros indicados pelo Palácio do Planalto, nomeados após aprovação pelo Senado. Eles exercerão mandato de quatro anos, permitida somente uma recondução ao cargo.

Em julho, o governo editou três medidas provisórias alterando as regras do setor. Entre elas, estão a criação da ANM e alterações na cobrança da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), espécie de royalties do setor.

Em 2016, a arrecadação da CFEM totalizou R\$ 1,6 bilhão. Atualmente, o cálculo do valor devido é feito com base no faturamento líquido da empresa. Com a mudança, a cobrança terá como base a receita bruta da venda do minério, agregando os custos com transporte e seguro.

A medida gerou a expectativa de ampliar a arrecadação do governo em cerca de 80%. O objetivo é conseguir, nos próximos sete anos, elevar de 4% para 6% a

participação do setor de mineração no Produto Interno Bruto (PIB, soma de todos os bens e serviços produzidos no país).

Fonte: Agência Brasil

Autor: Nádía Franco

Data: 27/12/2017



MINÉRIO INICIA ANO EM ALTA E ACUMULA VALORIZAÇÃO DE 7,1%

Ainda sustentado pela contínua percepção de que a China vai necessitar de mais minério de ferro para suas siderúrgicas em 2018 - e com a promessa de disciplina de oferta se mantendo durante o ano -, a matéria-prima do aço engatou cinco dias seguidos de alta dos preços no mercado à vista.

O minério chegou ontem ao maior valor desde 5 de setembro, depois de subir 1,2% no dia, para US\$ 77,74 a tonelada. A referência é o produto com concentração média de 62% entregue no porto chinês de Qingdao, cuja cotação é medida pela "Metal Bulletin".

Os últimos movimentos positivos da commodity refletem o otimismo ainda forte dos investidores sobre as matérias-primas. Não só o minério à vista, que depende muito da demanda chinesa, como também os metais não ferrosos têm registrado valorização desde o começo do ano.

Em relatório, o Itaú BBA diz que o cenário é favorável para as commodities industriais, depois de um bom 2017 - com valorização ou quedas bem mais leves do que desde o fim do superciclo. O minério se beneficia da racionalização da capacidade produtiva siderúrgica na China e dos esforços do governo local para conter a poluição, o que tem reforçado a preferência por um insumo de maior qualidade - como o da Vale, diz o texto.

Durante o primeiro mês do ano até agora, a commodity acumula ganhos de 7,1%. Se confirmada a alta, seria o terceiro mês seguido de avanço para o insumo. A cotação média do período atinge US\$ 76,15, a maior em um ano e 6,6% acima de 2017.

Para o alemão Commerzbank, apesar de as siderúrgicas da China terem diminuído a capacidade produtiva disponível desde 2016, a expectativa ainda é de aumento na produção neste ano - o que significa maior consumo de minério. A consultoria Capital Economics lembra que a busca dos chineses por matéria-prima de maior qualidade provavelmente continuará impulsionando as importações.

Já o Itaú diz que o preço do aço deve se beneficiar dessa contenção na China, mantendo as margens das siderúrgicas altas e, conseqüentemente, maior poder de precificação. Para o minério, o efeito é relativamente neutro, mas as maiores mineradoras já reforçaram a intenção de priorizar valor, e não volumes - comprometendo-se a desacelerar o fornecimento ao resto do mundo, se necessário.

Fonte: Valor

Autor: Renato Rostás

Data: 09/01/2018



DESCOBERTA DE LÍTIO PODE MUDAR A REALIDADE DE UMA DAS REGIÕES MAIS POBRES DE MG

Reunindo 5,1% da população e 1,9% do PIB estadual, a região do Vale do Jequitinhonha apresenta o mais baixo PIB per capita das dez regiões de Minas Gerais – R\$ 5,2 mil. O Vale também é responsável por 1,5% dos empregos formais e por apenas 0,3% das exportações totais da economia mineira. No entanto, essa realidade pode mudar radicalmente após a descoberta de novas reservas do valioso lítio, com potencial de exploração. Conhecido como ‘petróleo branco’, o metal é indispensável para o funcionamento de baterias de carros elétricos e outros dispositivos de alta tecnologia, incluindo smartphones.

A descoberta, feita em março pela CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), tem movimentado a região. Em dezembro, uma reunião convocada pelo Ministério Público Estadual começou a discutir a instalação de um polo de exploração, beneficiamento e exportação de minério de lítio entre os municípios de Araçuaí e Itinga. O projeto, orçado em US\$ 500 milhões, já está sendo fiscalizado pelo órgão.

“Queremos aglutinar os esforços de todos os atores envolvidos para a melhoria da economia local do Vale do Jequitinhonha. Através das prefeituras, da Associação de Desenvolvimento do Vale, da comunidade local, queremos todos unidos nesse processo de discussão para que essa oportunidade seja benéfica para todos”, salientou o promotor de Justiça Leonardo Duque Barbabela, que orientou o debate. Ele também destacou a necessidade de uma mobilização da sociedade regional para agilizar as ações do poder público no processo de produção do polo.

Investimento na região

Os trabalhos para avaliar se o mineral realmente está disponível em grandes quantidades na região ainda estão sendo realizados. Mas, segundo o engenheiro da Sigma Mineração Itamar Resende, o grupo já está otimista. “O Vale tem o benefício de ser uma grande reserva de lítio no Brasil e uma das maiores do mundo. Agora, nós temos uma reserva aqui que pode ter a 2ª melhor qualidade do mundo. Para Araçuaí é uma oportunidade única”, destaca.

Segundo Resende, somente na primeira fase, a Sigma pretende investir R\$ 230 milhões, o que pode gerar cerca de 200 empregos diretos.

Com pretensões de começar a extração do lítio já em 2019, o grupo acredita que as reservas do precioso mineral serão destaque mundial. “Especificamente no lítio, podemos ser um grande e importante fornecedor a nível mundial. É riqueza única no Brasil, e que pode ser explorada em breve”, destaca.

Mercado crescente

A demanda por equipamentos eletrônicos e carros elétricos tem esquentado o mercado do lítio ao redor do mundo. Um relatório de 2016 da consultoria americana

Allied Market Research estima que o mercado mundial de baterias de lítio poderia valer US\$ 46 bilhões em 2022.

Na América do Sul, o Chile é o principal líder na produção de lítio, seguido pela Argentina. No Vale do Jequitinhonha, o lítio é explorado pela CBI (Companhia Brasileira de Lítio), instalada entre os municípios de Araçuaí e Itinga, onde novas minas também podem ser abertas.



Fonte: Metro Jornal
Autor: Pedro Nascimento
Data: 03/01/2018

ECONÔMICO
Valor

2017: O ANO DA VOLTA DO CRESCIMENTO GLOBAL

O ano de 2017 foi um período de muitas manchetes, tanto locais com um foco na crise política e nas expectativas de reformas, quanto globais com ênfase no primeiro ano da gestão do presidente Trump nos EUA, nas eleições na Europa e na situação da Coreia do Norte.

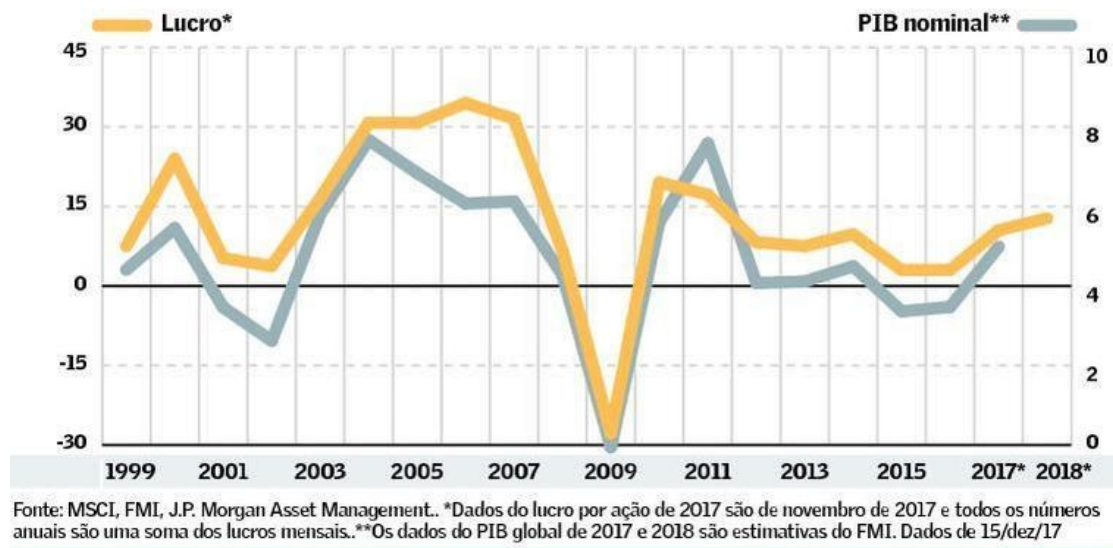
Porém, para investidores globais, o acontecimento mais importante do ano é centrado em dados econômicos. 2017 foi o ano em que o crescimento econômico global voltou a acelerar, com a participação de todas as principais regiões: os Estados Unidos, a Europa, a Ásia e também a América Latina. Este ano, o FMI estima que o PIB

real global (baseado na paridade do poder de compra) crescerá 3,0% - o ritmo mais acelerado desde 2011, quando vimos um crescimento de 3,1%.

Muitos investidores tinham se acostumado a um mundo pós-crise financeira global em que somente a economia americana crescia de uma maneira consistente. De fato, entre 2011 e 2016, outras regiões sofreram uma forte desaceleração econômica. Na zona do euro, países tiveram que implementar austeridade fiscal para melhorar seus resultados, e os níveis de confiança das famílias e empresas se mantiveram muito deprimidos com tantas incertezas ao redor da estabilidade do projeto econômico da região. No entanto, os maiores cortes de gastos do governo já foram feitos, o Banco Central Europeu conseguiu melhorar as condições financeiras, e questões sobre a continuidade da união diminuíram.

Crescimento x lucro

PIB e resultados corporativos avançam em 2017, em %



Com isso, o nível europeu de confiança do consumidor e da indústria está terminando o ano no patamar mais alto em 17 anos, apontando para a continuação do forte crescimento do PIB real da região, fechando em 2,5%.

Com relação aos países emergentes, as razões por trás do crescimento mais fraco entre 2011 e 2016 estão melhorando. Principalmente, os fatores externos que tanto tinham prejudicado o crescimento estão mostrando mais estabilidade: o crescimento chinês, os preços das commodities, as moedas e os fluxos estrangeiros de capital. Essa estabilidade externa está agora permitindo que a demanda doméstica melhore em muitos países emergentes, incluindo o Brasil, de níveis muito deprimidos.

Com isso, a pesquisa PMI da companhia Markit sobre o setor manufatureiro está terminando o ano perto do nível mais alto desde 2011, apontando para a continuidade da melhora nas economias emergentes. Essa recuperação está sendo observada não só na Ásia, mas também na América Latina, incluindo no Brasil.

Para investidores, o maior impacto do crescimento econômico global é visto no crescimento de lucro das empresas globais. Por cinco anos, o lucro das empresas só melhorava nos Estados Unidos, contribuindo para o forte retorno das ações americanas

de quase 300% desde 2009, e para o desempenho mais anêmico de todas as regiões, excluindo os Estados Unidos, de 172% nesse mesmo período.

Entretanto, em 2017 o lucro das empresas acelerou nos Estados Unidos, mas também em outros mercados. Na média, o lucro das empresas globais cresceu 7,4% no acumulado nos três primeiros trimestres do ano, o melhor resultado desde 2011. Essa aceleração de crescimento de lucro explica o forte retorno das ações globais de 20% (sem efeito moeda) no acumulado do ano.

Para 2018, esperamos um ano com um bom crescimento econômico global, bem diversificado por região, e também um crescimento de lucro global sólido.

Neste contexto, acreditamos que as oportunidades globais de investimento em 2018 estão mais concentradas em renda variável em comparação com renda fixa global. Esse ambiente positivo para ativos de risco deve continuar a ser favorável para países emergentes, um apoio para os ativos brasileiros em um ano de eleição.

Além das considerações sobre os impactos domésticos deste cenário global, investidores brasileiros também devem se perguntar: será que tenho exposição suficiente do meu portfólio à essa história positiva global? Avaliando os dados da Anbima sobre investimento na categoria offshore, vemos que na média o investidor brasileiro tem somente 1,1% de sua alocação fora de ativos brasileiros, ou seja, a resposta em muitos casos ainda é "certamente não".

Ainda vemos muito espaço para melhorar a diversificação global das carteiras brasileiras, especialmente em um ano cheio de oportunidades mundo afora.

Gabriela Santos é estrategista de mercado globais da J.P. Morgan Asset Management. Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Fonte: Valor

Autora: Gabriela Santos

Data: 29/12/2017



CLÓVIS TORRES DEIXA DIRETORIA-EXECUTIVA DA VALE

A Vale anunciou ontem (20) que Clóvis Torres deixará os cargos de diretor-executivo e de consultor geral da mineradora a partir do dia 8 de janeiro. Torres, que ocupava essas posições desde agosto do ano passado, também deixou na última semana a presidência do Conselho Diretor do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram)

O executivo ingressou na Vale pela primeira vez em 2003 e ocupou, até 2007, o cargo de diretor do Departamento Jurídico da mineradora. Antes de começar a trabalhar na empresa, Torres trabalhou em empresas como a Cargill, Counsel e no escritório Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados, onde foi sócio.

Depois de deixar a mineradora, Torres se tornou vice-presidente-executivo da Bahia Mineração (Bamin), onde ficou por quatro anos. De lá, voltou para a Vale, em 2011, como consultor-geral e diretor de Integridade Corporativa.

Desde agosto de 2016, Torres ocupa os cargos de diretor-executivo e consultor geral da Vale. "A Vale gostaria de reforçar seu reconhecimento pelo comprometimento ao longo dos anos e desejamos ao Clovis muito sucesso em seus próximos projetos", afirma a mineradora, em nota.

Segundo o jornalista Ernesto Neves, da coluna Radar da revista Veja, a saída de Torres já estava prevista e o executivo deve receber uma indenização de R\$ 18 milhões ao deixar a Vale. Segundo o colunista, desde a saída do presidente Murilo Ferreira, já era previsto que Torres deixaria o cargo. O contrato do executivo foi prolongado por 10 meses pelo conselho da empresa, mas caso prosseguisse por mais tempo, perderia a indenização.

De acordo com a mineradora, a seleção do novo executivo para a posição está em curso e o mercado será informado em breve.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 21/12/2017



CFEM: ALÍQUOTA DE 3,5% A SER PAGA SOBRE O MINÉRIO DE FERRO PODE VOLTAR AOS PATAMARES ANTERIORES DE 2%

Há um ditado popular que diz: “caldo de galinha e cautela nunca são demais” e por ignorar tal assertiva, um bom número de políticos terá de explicar aos seus eleitores que a tão comemorada aprovação da alíquota da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) de 3,5% paga sobre o minério de ferro pode voltar aos patamares anteriores de 2%.

Um engenheiro e especialista em comércio de minério da Vale, mediante anonimato, faz o alerta de que, ao contrário do que foi dito aos quatro cantos, a alíquota da CFEM de 3,5% para fins de incidência da compensação financeira pela exploração do minério de ferro ainda não está garantida.

Segundo ele, o problema é a questão do escalonamento da alíquota em função da cotação do minério de ferro na China que ainda está em aberto. “As mineradoras estão alegando que se a cotação chinesa não for levada em conta, a viabilidade econômica da maioria das minas de ferro de Minas Gerais será comprometida”, esclarece o engenheiro.

A pressão é grande e as mineradoras estão usando essa justificativa porque ainda existe uma brecha deixada na Lei 13.540, no caso “específico” do minério de ferro, por meio de um anexo que é a seguinte:

A alíquota de 3,5% (três inteiros e cinco décimos por cento), considerando a receita bruta das vendas de Minério de Ferro ocorrerão quando observadas as letras b e c do anexo à Lei 13.540/2017, a saber:

b) Decreto do Presidente da República, a ser publicado em até noventa dias a partir da promulgação desta Lei, estabelecerá critérios para que a entidade reguladora do setor de mineração, mediante demanda devidamente justificada, possa reduzir, excepcionalmente, a alíquota da CFEM do ferro de 3,5% (três inteiros e cinco décimos por cento) para até 2% (dois por cento), com objetivo de não prejudicar a viabilidade econômica de jazidas com baixos desempenho e rentabilidade em razão do teor de ferro, da escala de produção, do pagamento de tributos e do número de empregados.

c) A decisão e o parecer técnico da entidade reguladora do setor de mineração relativos à redução da alíquota da CFEM, de que trata a letra b deste Anexo, serão divulgados em seu sítio oficial na internet, e a redução somente entrará em vigor sessenta dias a partir da divulgação.

O Presidente Michel Temer por meio de decreto, que deve ser publicado na segunda quinzena de março, irá estabelecer o critério para a redução da CFEM para o minério de ferro, que dependendo da justificativa da mineradora, a alíquota pode voltar a 2%, porém a diferença é que será calculada sobre o valor bruto das vendas e não em relação ao valor líquido.

Tudo indica que a decisão do Governo aparentemente já está tomada, apesar de vários alertas feitos pela Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (AMIG) junto aos deputados.

Infelizmente somos levados a crer que vários deputados “comeram mosca” nesse penduricalho colocado como anexo na Lei da Cfem e para piorar muitos dos citados como guardiões dos interesses das cidades mineradoras são verdadeiros campeões de ausências em sessões deliberativas.

Fonte: Impacto Atual

Autor: Marcelo Rebelo

Data: 03/01/2018



CPRM FINALIZA PROJETOS ÁGATA-AMETISTA E BATÓLITO PELOTAS

Mapeamento de geodos de ágata e ametista no município de Santana do Livramento e parte dos municípios de Quaraí, Alegrete e Rosário do Sul

O Serviço Geológico do Brasil (CPRM) finalizou e disponibilizou no seu banco de dados GeoSGB novos produtos desenvolvidos pela Gerência de Recursos Minerais (Geremi) da Superintendência Regional de Porto Alegre.

O projeto ARIM (Área de Relevante Interesse Mineral) da porção leste do Estado do Rio Grande do Sul, cobrindo parcial ou totalmente 51 municípios. O trabalho de integração geológico-geofísico foi executado em uma área de 60.000 km² do Escudo Sul-rio-grandense, que abrange o Batólito Pelotas e a porção leste do Terreno Tijuca e teve como objetivo a caracterização das principais áreas de mineralizações metálicas, controles e indicação de potencialidade.

Estão disponíveis para consulta pública mapas na escala 1:500.000 de Integração Geológico-Geofísico e Associações Tectônicas e Recursos Minerais, e Mapa

de Integração Geológico-Geofísico da Região da Mina Campinas (Sn) na escala 1:80.000. A área apresenta diversos estudos geológicos que foram integrados pelo projeto, com a atualização das bases cartográficas, bem como o estabelecimento de uma ordem cronológica para as diferentes unidades litotectônicas e suas correlações com o contexto geotectônico regional. Os recursos minerais metálicos apresentam algumas áreas potenciais, que precisam ser investigadas com trabalhos prospectivos.

O mapeamento geológico do distrito mineiro de gemas de ágata e ametista em geodos, situado na fronteira oeste do Rio Grande do Sul também foi concluído. A área mapeada abrange o município de Santana do Livramento e parte dos municípios de Quaraí, Alegrete e Rosário do Sul, e totaliza aproximadamente 9.500 Km².

O trabalho discriminou os derrames de rochas basálticas portadores de geodos com potencial econômico, situando todos os depósitos e ocorrências levantadas em campo e indicando a continuidade das mineralizações nos garimpos de gemas, o que permite o planejamento de novos empreendimentos mineiros na região. O projeto foi desenvolvido na Superintendência Regional da CPRM de Porto Alegre, e os mapas encontram-se disponíveis no GeoSGB, banco de dados, informações e produtos do Serviço Geológico do Brasil.

Fonte: CPRM - ASCOM

Data: 22/12/2017



AURA MINERALS E RIO NOVO SE UNEM COM FOCO EM EXPANSÃO

O empresário especializado no setor de mineração Paulo Brito vai juntar duas empresas da área das quais é controlador atualmente, ambas com capital aberto em Toronto: Aura Minerals e Rio Novo Gold. As duas têm projetos majoritariamente de pesquisa e extração de ouro, com ativos focados na América do Sul - especialmente, o Brasil.

A fusão servirá para incorporar a ainda pré-operacional Rio Novo na operação da Aura Minerals, que já produz em algumas unidades. Não haverá desembolso de caixa envolvido, e sim uma transferência de 0,053 ação da Aura para cada 1 detida por acionistas da Rio Novo, o que, após a transação, deixará Brito com 55,3%, aproximadamente, do capital social da nova companhia.

Esse processo faz parte do plano de aceleração dos negócios da Aura, iniciado com a chegada de Rodrigo Barbosa para a presidência executiva, em janeiro. Ex-presidente da têxtil Santista e diretor financeiro da Camargo Corrêa, Barbosa chegou à empresa em outubro do ano passado, mas a partir do início de 2017 começou a traçar estratégias de curto, médio e longo prazos com o objetivo de colocar a mineradora em rota de crescimento.

"Montamos uma equipe de 300 a 400 pessoas para avaliar os ativos e buscar eficiência neles", explica, em entrevista ao Valor. "Nosso objetivo é que no período de dois anos possamos dobrar a nossa produção atual de ouro, para 130 mil onças."

Além de ouro, a companhia também é produtora de cobre, com ativos no Brasil e em Honduras. Por aqui, controla a mina de Ernesto e Pau-a-Pique, no Mato

Grosso - uma operação que adquiriu da Yamana Gold - e a de São Francisco, no mesmo Estado. Em terras hondurenhas, toca o empreendimento San Andreas.

Há ainda os projetos da Rio Novo, um em Mato Grosso; um em Tocantins; e um na Colômbia.

Caso consiga atingir seu objetivo de produção, a Aura acredita que atingirá um lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de US\$ 100 milhões durante o mesmo biênio. De janeiro a setembro de 2017, apurou Ebitda de US\$ 16,8 milhões – ou seja, ritmo anual de US\$ 22,4 milhões. A receita líquida está em uma taxa anualizada de US\$ 158,6 milhões.

"Temos ainda um empreendimento parado há cerca de dois anos no México, para o qual estamos levantando recursos e fechando um contrato de fornecimento no longo prazo", afirma Barbosa. Por lá, a companhia julga interessante a oportunidade na produção do cobre.

Quando sentou na cadeira da presidência da Aura, o executivo já passou a organizar equipes para saber o que poderia ser tocado com a rentabilidade desejada e o que teria de ir embora.

Nesse processo, ficou decidido que o ativo de Serrote da Laje, em Alagoas, seria vendido, o que foi concretizado em 1º de dezembro. Quando receber os US\$ 40 milhões da transação, a empresa fica com caixa líquido.

Outra tarefa de Barbosa será dar maior relevância à Aura. Apesar de estar exposta a investidores acostumados com mineradoras, em Toronto, seu valor de mercado caiu consideravelmente - para US\$ 80 milhões atualmente, de US\$ 800 milhões no auge - e não há mais cobertura de analistas de mercado.

Fonte: Valor

Autor: Renato Rostás

Data: 26/12/2017



VALE NEGOCIA SAÍDA DA SÓCIA BHP BILLITON DA MINERADORA SAMARCO, DIZ FONTE

A Vale está em negociações com a anglo-australiana BHP Billiton sobre o futuro da joint venture Samarco e uma alternativa é que a mineradora brasileira compre a participação de sua sócia no ativo, afirmou uma fonte com conhecimento do assunto nesta quarta-feira.

Um preço ainda não foi acordado, de acordo com a fonte, que falou na condição de anonimato.

A Bloomberg publicou conversas sobre o tema mais cedo nesta quarta-feira.

Procuradas pela Reuters, a Vale e a BHP informaram que não iriam comentar as informações.

A Samarco não opera desde novembro de 2015, depois que uma barragem de rejeitos de mineração se rompeu em Mariana (MG), matando 19 pessoas, no que é considerado o maior desastre socioambiental do Brasil.

A Vale avalia que a Samarco pode voltar a operar logo, acelerando os trabalhos de reparação aos atingidos, se tiver um único proprietário, disse a fonte.

No mês passado, a Samarco ganhou licenças preliminares, mas ainda continua proibida de retomar as operações.

O acordo depende da vontade da BHP de sair da parceria, acrescentou a fonte.

A Samarco é a única operação de minério de ferro de propriedade da BHP fora da Austrália.

A Vale afirmou no dia 21 de dezembro que, devido à situação de caixa da Samarco, com operações paralisadas há mais de dois anos, provavelmente será chamada a contribuir com 432 milhões de reais no 1º semestre para medidas de restauração do meio ambiente afetado pelo rompimento da barragem em Mariana.

A companhia havia informado ainda que pretende disponibilizar à Samarco linhas de crédito de curto prazo de até 48 milhões de dólares para apoiar as operações da empresa no primeiro semestre de 2018 e cobrir outras despesas. A mesma oferta de crédito seria dada pela BHP Billiton Brasil.

Fonte: Reuters

Autora: Tatiana Bautzer

Data: 03/01/2018

Bloomberg

MOMENTO É EXCELENTE, DESDE QUE AS MINERADORAS NÃO O ESTRAGUE COM NEGÓCIOS "ESTÚPIDOS", DIZEM ANALISTAS

"Um golpe mortal em particular para a reconstrução da confiança entre os investidores e a administração das mineradoras seriam fusões e aquisições com megatransações presunçosas", Paul Gait, analista da Bernstein

As maiores mineradoras do mundo estão próximas da expansão – desde que elas não estraguem tudo esbanjando o dinheiro em transações absurdas, segundo a Sanford C. Bernstein.

As mineradoras estão em um momento excelente, animadas com os preços de commodities que atingiram uma sequência recorde e anos de medidas de autoajuda que fortaleceram os balanços. Mas para que os investidores recebam todos os benefícios, o setor não deve repetir os erros do passado, disseram analistas da Bernstein, entre eles Paul Gait, em um relatório nesta sexta-feira.

“As mineradoras parecem estar na posição mais saudável que observamos em anos”, disse Gait no relatório. “Agora, o verdadeiramente importante para os investidores, e, portanto, para a avaliação do setor, é a confiança em que de agora em diante mais dinheiro fluirá de volta para os acionistas.”

As mineradoras foram obrigadas a vender ativos para diminuir suas dívidas e tranquilizar os investidores em 2015, durante uma forte queda nos preços das commodities que ameaçou a sobrevivência de alguns dos maiores nomes do setor. A

recuperação nos preços dos metais e a reestruturação de balanços fizeram com que o setor ressuscitasse e passasse a focar no crescimento e nos retornos para os acionistas.

Hoje, os investidores parecem apoiar o setor. O índice FTSE 350 Mining opera no valor mais alto em quase cinco anos e a Anglo American e a Glencore mais do que quadruplicaram seus valores nos últimos dois anos. "Contudo, o setor já mostrou indisciplina com o capital e o retorno de dinheiro aos acionistas no passado, quando gastava isso em projetos novos e em muitas aquisições". A Bernstein diz que do fluxo de caixa de US\$ 1,7 trilhão do setor, nos últimos 20 anos, quase US\$ 1,2 trilhão foram destinados ao dispêndio de capital e transações, e somente US\$ 320 bilhões a dividendos.

"Ser uma mina de ouro não tem nada de errado", disse Gait no relatório. "Um golpe mortal em particular para a reconstrução da confiança entre os investidores e a administração das mineradoras – especialmente para o grande número de novos líderes nos conselhos e entre os executivos – seriam fusões e aquisições com megatransações presunçosas."

Fonte: Bloomberg

Autora: Patrícia Xavier

Data: 05/01/2018



CRIAÇÃO DA AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO VAI AUXILIAR AÇÕES EM PROL DO SETOR EM MS

O Governo Federal criou, por meio de sanção do presidente Michel Temer, a Agência Nacional de Mineração que será vinculada ao Ministério de Minas e Energia e vai atuar na fiscalização do setor no Brasil. No Mato Grosso do Sul a atividade tem aspecto econômico importante para algumas cidades e tem recebido atenção do Governo para sua expansão.

A decisão Federal auxilia na tomada de decisões em prol do setor em todo o país e vai beneficiar Mato Grosso do Sul, que por meio de ações do Governo do Estado através da Semagro (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar), tem trabalhado para o fortalecimento da mineração.

A Semagro é a responsável pela MS Mineral (Empresa de Gestão de Recursos Minerais) e, em 2017, criou a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva Mineral e deu posse a 14 membros, que vão atuar na organização, revitalização, expansão e verticalização do setor no Estado.

Também no ano passado, a Semagro participou do 1º Encontro sul-matogrossense da Mineração e debateu a revitalização da indústria mineral junto a entidades do setor. Tais ações foram adotadas por entender que o setor é importante para o Estado e influencia diretamente na economia de algumas cidades.

De acordo com o secretário interino, Ricardo Senna, a criação da agência representa não só modernização para o setor, como avanços na regulamentação e na expansão, aumentando o poder de exploração para a atividade. "Essa ação cria uma

dinâmica melhor para a atuação da mineração no Brasil e isso vem ao encontro do que já temos realizado em Mato Grosso do Sul”.

Legislação

Pela lei nº 13.575/2017, a Agência Nacional terá as funções de regulação e fiscalização do setor, em substituição ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que será extinto. O texto também altera aspectos relacionados à cobrança da taxa para o exercício da atribuição de poder de polícia da agência, trata do enquadramento salarial dos servidores que migrarão para a ANM e estabelece as atribuições do órgão.

São descritas ainda competências e funções para a nova agência, que deverá, entre outras coisas, realizar fiscalizações presenciais nos empreendimentos minerários com o objetivo de aproveitar racionalmente as jazidas e garantir sua segurança técnica operacional.

Setor

Dados mostram que Mato Grosso do Sul tem 165 empresas ligadas ao setor extrativista mineral, que geram mais de 4,3 mil empregos formais e valor bruto de produção estimado em R\$ 3,876 milhões.

Em relação as exportações do setor, 57% são referentes a minério de ferro, 35% de minerais não metálicos, 6% de ferro gusa e ferro-ligas e 2% de produção de metal. Juntos representam 3,71% dos valores exportados em 2016.

Em todo o Estado dez municípios têm registro de atividades ligadas a mineração, mas a maior participação está em Corumbá e Ladário.

Fonte: Governo do Estado do Mato Grosso do Sul

Autora: Priscila Peres

Data: 02/01/2018



BATERIA PARA VEÍCULO ELÉTRICO PUXA PREÇOS DO COBALTO

Em um encontro de mineradores, em Londres, no ano passado, executivos de grandes companhias do setor foram reunidos para o registro fotográfico do evento. Para conseguir uma melhor imagem do grupo, o fotógrafo, antes do clique, falou em alto e bom som, para que todos ouvissem: "Cobalto". De forma instantânea, os sorrisos apareceram nos rostos dos executivos para compor a foto.

A anedota, relatada por um dos participantes do encontro, é um exemplo de como o cobalto - metal que se tornou ingrediente-chave na produção de baterias de lítio usadas em carros elétricos - fez a alegria dos mineradores em 2017.

O cobalto refinado terminou o ano no maior nível de preços desde 2009, cotado a US\$ 81,5 mil por tonelada. Essa cotação se refere ao produto com 99,8% de teor de cobalto, tendo como referência o mercado dos Estados Unidos. Na média de 2016, o preço médio do produto foi de US\$ 26,6 mil por tonelada, de acordo com números da consultoria britânica CRU.

O cobalto faz parte de um grupo de metais, também integrado pelo níquel e pelo lítio, cujo uso é considerado promissor pela indústria automotiva de carros elétricos.

A Glencore é a maior mineradora de cobalto do mundo, seguida de ERG, Nornickel e China Molybdenum, além da brasileira Vale. A Vale produz cobalto como subproduto do níquel e sua produção, de cerca de 6 mil toneladas por ano, corresponde a 6% da oferta global, de quase 100 mi. A empresa vê o uso do níquel e cobalto em baterias como uma oportunidade, mas reconhece que o sucesso do negócio dependerá do desenvolvimento tecnológico no setor.

O aumento nos preços vem estimulando investimentos na mineração do metal por "juniors", de médio porte, que podem contribuir para a oferta do produto a partir de 2021. Mas as "juniors" vão responder por fatia pequena da produção global comparado com os projetos instalados, diz a CRU.

Apesar do aumento nos preços no ano passado, a CRU não espera problemas de suprimento do produto no mercado a médio prazo. Uma das razões que sustentam a previsão é a entrada de novos projetos de produção de cobalto nos próximos anos. Além disso, na visão da CRU, aumentos adicionais nos preços poderiam estimular a substituição do metal por outros produtos nas tecnologias empregadas na produção de baterias.

Esse cenário faz com que a consultoria não espere que o aumento nos preços visto em 18 meses se mantenha a médio prazo, disse George Heppel, analista de mercado de cobalto do CRU Group, em Londres. Ele disse que os estoques globais do metal continuam elevados, e que existe "substancial" oferta nova de cobalto entrando no mercado a partir de 2019. Embora ainda seja possível ver alguma alta de preços em 2018, esse movimento não deverá ser significativo ante 2017.

Dados da CRU indicam que, desde 2015, a demanda vem crescendo a taxas de 6% ao ano, desempenho guiado pela maior procura da indústria de baterias pelo produto. A oferta do produto tem se mantido estável ao longo do período.

As estimativas da CRU indicam que a oferta global de cobalto foi de 97,8 mil toneladas em 2017. Desse total, 90% do cobalto foi extraído como subproduto do níquel e do cobre. Nos anos recentes, a produção de níquel e cobre foi reduzida, como resultado da queda nos preços, o que, indiretamente, contribuiu para a oferta do cobalto se manter estável.

De acordo com a CRU, existem preocupações no mercado sobre eventuais problemas de oferta de cobalto no futuro. Esse receio se relaciona com as expectativas de que o crescimento na indústria de baterias continue a acelerar, sobretudo em função da demanda do segmento de carros elétricos. Essa expectativa foi decisiva para o aumento recente nos preços.

Tradicionalmente, o cobalto é utilizado em aplicações metálicas como ligas aeroespaciais e na produção de aço. Mas se tornou também ingrediente fundamental nas baterias de "íon de lítio", que duram mais do que as tradicionais.

A CRU estima que a demanda por cobalto no setor de baterias cresça 15,7% ao ano até 2026, movimento conduzido sobretudo pelo segmento de veículos elétricos. Atualmente, a demanda para baterias representa cerca de 15% do total pelo metal. Mas a consultoria britânica estima que esse percentual poderá chegar a um terço da demanda total também em 2026.

O maior produtor de cobalto é a República Democrática do Congo, com 60% do volume extraído. Depois vêm a Rússia, com 5,4%), seguida pela Austrália, Cuba, Filipinas, Madagascar e Canadá.

Fonte: Valor

Autor: Francisco Góes

Data: 05/01/2018



BRASIL ARRECADADA R\$ 1,83 BILHÃO COM A CFEM EM 2017

O Brasil arrecadou em 2017 R\$ 1,83 bilhão com a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), também conhecida como royalties da mineração. Segundo dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o valor é 2,1% maior do que o arrecadado no ano de 2016, quando somou R\$ 1,79 bilhão

Apenas em dezembro, o país arrecadou R\$ 174,9 milhões com os royalties da mineração, valor 40% maior que os R\$ 124,9 milhões arrecadados no mesmo mês de 2016. Em comparação com novembro, mês imediatamente anterior e que registrou a maior arrecadação em 20 meses, R\$ 180,4 milhões, houve queda de 3%.

Pela primeira vez no ano, o Pará ultrapassou Minas Gerais e se tornou o Estado que mais arrecadou CFEM no mês de dezembro, com R\$ 76 milhões. O valor é 17,9% acima dos R\$ 62,3 milhões arrecadados no mesmo mês no ano passado. No acumulado do ano o Estado, no entanto, não ultrapassou Minas Gerais e encerrou 2017 com uma arrecadação de R\$ 681,1 milhões.

Minas Gerais foi o segundo principal Estado arrecadador do Brasil, com R\$ 68,2 milhões, crescimento de 43% em comparação com os 53,2 milhões arrecadados em dezembro de 2016. Em todo o ano de 2017, Minas Gerais foi o Estado que mais arrecadou CFEM, R\$ 777,7 milhões.

Segundo dados do DNPM, a commodity que mais gerou receita no mês passado foi o minério de ferro, responsável pela arrecadação de R\$ 115,8 milhões, aumento de 74% ante os R\$ 65,5 milhões do mesmo mês de 2016. No ano, o minério de ferro foi responsável pela arrecadação de mais de R\$ 1,09 bilhão, alta de 7,7% em comparação com 2016, quando a commodity gerou arrecadação de R\$ 1,01 bilhão.

A segunda commodity que mais gerou receita em dezembro foi o cobre, com R\$ 15,8 milhões, aumento de 44,9% ante os R\$ 10,9 milhões recolhidos no mesmo mês de 2016. No ano passado, a commodity gerou uma arrecadação de R\$ 115 milhões, crescimento de 16% em comparação com 2016, quando a arrecadação foi de R\$ 94,8 milhões.

Em terceiro lugar está a bauxita, com R\$ 6,3 milhões arrecadados no mês passado, valor estável em comparação com o mesmo mês do ano passado. No total de 2017, a commodity gerou uma arrecadação de R\$ 68,7 milhões, queda de 30,7% em comparação com 2016, quando a arrecadação com os royalties foi de R\$ 99,2 milhões.

Taxa Anual por Hectare

Em 2017, foram pagos R\$ 74,7 milhões da Taxa Anual por Hectare (TAH), 84% do total previsto para o ano, que era de R\$ 89,6 milhões.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 08/01/2018

Jornal da USP

CIENTISTAS CRIAM CRISTAL INOVADOR COM MOLÉCULAS ORGÂNICAS E COBALTO

Potenciais usos incluem descontaminação de água, uso em células solares e até como sensor de gases tóxicos

Pesquisa desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP resultou em um cristal que apresenta propriedades semicondutoras e que interage muito bem com a luz. Essas características fazem dele um produto inédito com potencial de aplicação em várias áreas. O autor do estudo, o químico Evandro Castaldelli, acaba de publicar na revista científica Nature Communications, uma das mais conceituadas do mundo, um artigo onde o material é descrito.

“Entretanto, todo esse potencial ainda precisa passar por testes e estudos aprofundados para confirmar as possíveis aplicações”, adverte Castaldelli. Entre essas aplicações, o químico cita descontaminação de água; catalisador para produção de novos compostos químicos, como fármacos; e até em células solares de geração de energia, em dispositivos eletrônicos ou como sensor de gases tóxicos.

A pesquisa que originou o artigo da Nature Communications foi realizada durante a tese de doutorado de Castaldelli na FFCLRP, sob a orientação do professor Grégoire Jean-Francois Demets. O estudo foi desenvolvido em uma colaboração internacional entre a USP (Brasil), o Advanced Technology Institute da University of Surrey (Reino Unido), a University of Warwick (Reino Unido) e a Université de Grenoble-Alpes (França). Além de Castaldelli e Demets, assinam o artigo os pesquisadores S. Ravi P. Silva, K. D. G. Imalka Jayawardena, David C. Cox, Guy J. Clarkson, Richard I. Walton, Long Le-Quang e Jérôme Chauvin.

Os cristais foram criados com duas moléculas orgânicas e o elemento químico cobalto (Co). Uma molécula orgânica é formada, basicamente, por carbono, hidrogênio e oxigênio, além de outros elementos. A primeira molécula orgânica usada pelo pesquisador foi o ácido tereftálico; a outra, foi a naftaleno diimida. Essas duas moléculas foram colocadas em um reator (local onde ocorrem reações químicas), juntamente com o cobalto. O pesquisador utilizou solvente orgânico para dissolvê-las e a mistura foi levada ao forno. Vários testes foram realizados até chegar ao tempo e à temperatura adequados para que o pesquisador obtivesse o resultado final: os cristais.

Propriedades inéditas

A grande inovação da pesquisa de Castaldelli está nas propriedades que os cristais por ele criados apresentam: a semicondutividade e o fato de interagirem muito bem com a luz solar. Isso porque a junção de duas moléculas orgânicas e um elemento químico (como o cobalto) pode formar aquilo que, em química, é denominado de MOF, sigla em inglês para metal organic framework. Em português, isso poderia ser traduzido como “rede de coordenação orgânica-inorgânica”. Entretanto, as MOFs até então conhecidas não têm essas propriedades que os cristais desenvolvidos por Castaldelli apresentam. “As MOFs existentes, em geral, não são condutoras de energia. Na maioria das vezes elas apresentam propriedades isolantes”, informa o pesquisador.

Segundo ele, o ácido tereftálico já é usado para produzir MOFs. Quanto à naftaleno diimida, o químico conta que já tinha certa familiaridade, pois trabalhou essas moléculas durante o mestrado: são moléculas semicondutoras que interagem com a luz. Inicialmente Castaldelli começou os testes apenas com o cobalto e a naftaleno diimida. Somente depois decidiu trabalhar também com o ácido tereftálico. O cobalto foi utilizado pois, de acordo com o pesquisador, trata-se de um metal com propriedades magnéticas e espectroscópicas muito ricas. Propriedade espectroscópica pode ser entendida como a forma como os elétrons do metal interagem com a luz.

O pesquisador conta que as MOFs existentes atualmente são, em geral, porosas e têm a capacidade de aprisionar gases. “Isso já é estudado há bastante tempo. Muitos cientistas querem estocar hidrogênio para usá-lo como combustível em veículos. Mas se for colocado dentro de um cilindro, como fazemos com outros gases, ele pode explodir. Então há vários estudos que utilizam MOFs para estocagem de hidrogênio”, relata. Outro uso clássico de MOFs é a estocagem e o aprisionamento de gases, pois elas são capazes de, ao mesmo tempo, aprisionar um gás e liberar outro. Elas também são usadas como catalisador – substância química que acelera uma reação química.

O pesquisador lembra ainda que, nos dias atuais, muito tem se pensado nas questões envolvendo processos de conversão de energia, entre eles, a busca por melhorias no funcionamento das células solares. Produzidas com silício (elemento químico semicondutor), são capazes de converter energia luminosa (fótons) em energia elétrica. E as MOFs desenvolvidas por Castaldelli, além de semicondutoras, conseguem interagir muito bem com a luz solar – algo inédito para as MOFs.

Contudo, o pesquisador é bastante cauteloso quanto à aplicação comercial das MOFs por ele desenvolvidas e salienta que ainda são necessários vários estudos para confirmar os possíveis usos. “Inclusive muitas coisas podem morrer na viabilidade comercial”, alerta. Por isso, Castaldelli continua as pesquisas em seu pós-doutorado pelo Instituto de Química (IQ) da USP, na Cidade Universitária, em São Paulo, sob a orientação do professor Koiti Araki, do Laboratório de Química Supramolecular e Nanotecnologia.

Fonte: Jornal da USP

Autora: Valéria Dias

Data: 21/12/2017



IOT VALE OURO PARA EMPRESAS DO SETOR DE MINERAÇÃO

Pesquisa da Inmarsat mostra que 70% das mineradoras acreditam na tecnologia como motor de eficiência na produção

As empresas do setor de mineração estão buscando apoio na Internet das Coisas (IoT) para ajudá-las a manter sua participação de mercado, à medida que se intensifica a concorrência, cai a qualidade das jazidas, e as margens de lucro são pressionadas.

Recente pesquisa da Inmarsat, empresa de conectividade por satélite e soluções de IoT, mostra que IoT desempenhará papel crítico para ajudar as companhias de mineração a aumentar o nível de automação e a melhorar a eficiência da produção, permitindo que possam competir com os concorrentes que operam em mercados de menor custo.

O levantamento foi conduzido pela Vanson Bourne, especialista em pesquisa de mercado, e entrevistou profissionais de cem grandes corporações de mineração em todo o mundo para o relatório 'The Future of IoT in Enterprise', da Inmarsat. A pesquisa mostra que 70% das empresas de mineração concordaram que Internet das Coisas oferece uma vantagem significativa em relação aos seus concorrentes.

As mineradoras identificaram, ainda, de que maneira a tecnologia as ajudaria a reforçar essa vantagem competitiva: 41% dos respondentes relataram que a usariam para aumentar a automação dos processos de negócios e 44% disseram que isso auxiliaria na identificação de oportunidades de economia de custos e eficiência.

“Não é de se admirar que as empresas de mineração busquem a IoT para ajudá-las a obter uma vantagem competitiva. Em todo o mundo, elas estão sob pressão constante para produzirem o mesmo material a um preço menor do que o de seus concorrentes”, destaca Joe Carr, diretor de Mineração da Inmarsat.

Segundo ele, essas empresas precisam reduzir os custos operacionais e melhorar a produtividade para se manterem competitivas, e a forma mais eficaz de fazer isso é por meio da adoção da IoT e a automação.

“Trabalhamos hoje com algumas das maiores empresas do setor de mineração para oferecer maior automação, o que, por sua vez, resulta em uma velocidade cada vez maior em todo o processo de mineração, ajudando a reduzir o tempo médio do ciclo e a melhorar a produtividade”, finaliza.

Fonte: IFT 325

Data: 05/01/2018



EMPRESÁRIOS ESTÃO MAIS CONFIANTES PARA 2018, APONTA PESQUISA DE CONSULTORIA

Aumenta parcela de quem pretende investir mais

Na visão de empresários, o ano de 2018 será mais positivo tanto em termos de receitas quanto de investimentos em relação a 2017. Esta é uma das conclusões da pesquisa *Agenda 2018*, realizada pela Deloitte auditoria e consultoria empresarial, que ouviu representantes de 750 empresas que somam R\$ 1,7 trilhão em receitas e representam 26% do Produto Interno Bruto (PIB).

Segundo a pesquisa, as empresas pretendem aumentar em média 15,8% os investimentos em 2018 na comparação com 2017 (quando a previsão de aumento de investimentos era de 11,8%) com a expectativa de retomada da economia, juros baixos e oportunidades relacionadas ao negócio da empresa.

Os setores que mais devem investir são petróleo, gás, mineração e energia elétrica com investimento 32% mais do que os 21% investidos em 2017.

O grupo de companhias pesquisadas pela Deloitte — que inclui empresas de capital estrangeiro, familiares e de capital pulverizado — prevê um crescimento médio de 19% em suas receitas este ano, resultado que sugere um otimismo do mercado em relação a 2018. No ano passado, a estimativa era que as receitas cresceriam 14,8%, na média.

Alguns setores estimam crescimento ainda maior da receita. As empresas do ramo financeiro, por exemplo, preveem crescimento de 27%, enquanto as de construção estimam uma alta de 20% nas receitas até dezembro.

A pesquisa identificou uma aposta no crescimento do consumo e na continuidade gradual da economia. Entre as companhias ouvidas, 56% pretendem lançar novos produtos, enquanto 40% querem substituir máquinas e equipamentos.

Já 41% dos entrevistados afirmaram que pretendem aumentar o número de funcionários, um crescimento de 15 pontos percentuais em relação aos 26% de empresas que tinham essa perspectiva em 2017.

Os setores de tecnologia da informação e telecomunicações são os que mais pretendem contratar.

Os empresários avaliam que os investimentos em infraestrutura e as reformas da previdência e tributária serão positivamente mais influentes para seu negócio do que a eleição presidencial, mostrou o levantamento.

Fonte: O Globo

Autor: João Sorima Neto

Data: 04/01/2018



AS CINCO MAIORES PEPITAS DE OURO DO MUNDO PENSAM JUNTAS 161 KG

As cinco maiores pepitas de ouro existentes foram encontradas no Brasil, na Rússia e na Austrália. A maior delas, Pepita Canaã, foi descoberta na região de mineração de ouro Serra Pelada (PA), em 1983

A pepita de ouro Pepita Canaã tem um peso bruto de 60,82 kg e contém 52,33 kg de ouro, ou 1.682 onças troy de ouro. O minério precioso foi comprado pelo Banco Central do Brasil em 1984, e agora está em exibição na "Sala de Ouro" do Museu de Valores do Banco Central, em Brasília (DF).

A segunda maior pepita da lista é o "Great Triangle", que se assemelha a um triângulo. Ela foi encontrada na região dos Urais, na Rússia, em 1842. Tem um peso bruto de 36,2 kg e um 91% de ouro, o que significa um teor de ouro fino de 32,94 kg, ou 1059 onças troy de ouro.

A "Hand of Faith" lembra o formato de uma mão. É a terceira maior pepita de ouro, com 27,66 kg. Foi encontrada na região de Kingower, na Austrália, em 1980. Ela tem a distinção de ser a maior pepita de ouro já encontrada usando um detector de metais. Contém 875 onças troy de ouro.

O quarto minério precioso da lista é o "Normandy Nugget", de 25,5 kgs, cerca de 820 onças troy de ouro, encontrada em 1995 em Kalgoorlie, na Austrália Ocidental. A análise do ensaio mostra que essa pepita tem uma pureza de ouro entre 80% e 90%.

Em quinto lugar, completando a lista, está a "Ausrox Gold Nugget". Ela pesa 23,27 quilos e foi encontrada em 2010 no Goldfield ocidental, na Austrália. A pepita foi descoberta por três garimpeiros que usavam um detector de metal manual.

As pepitas de ouro podem ser encontradas em depósitos aluviais, sedimentos formados pelo movimento da água, ou em depósitos de plácer, formados por outros movimentos. Elas também podem ser extraídas tecnicamente de depósitos de ouro duro, enquanto a rocha circundante pode ser removida.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 04/01/2018



EQUINOX GOLD TO START FULL-SCALE CONSTRUCTION AT BRAZILIAN MINE

Recently formed Equinox Gold (TSX-V:EQX) announced that its board of directors approved \$146 million for the full-scale construction at the Aurizona Gold mine, located in the Maranhão state of north-eastern Brazil.

With the idea of pouring gold in late 2018, the company says it has already spent \$25 million advancing detailed engineering work, raising the existing tailings facility, refurbishing existing plant infrastructure, conducting civil earthworks and pouring foundations to prepare for the installation of new plant infrastructure and administrative buildings.

"This will be a milestone year for Equinox Gold as we advance Aurizona and transition the company from a developer to a meaningful producer, with more than 135,000 ounces of annual gold production expected," CEO Christian Milau said in a press release.

In detail, the Vancouver-based firm wants to raise the existing tailings facility to support expanded throughput to 8,000 tonnes per day and it is also refurbishing the process plant so that it is able to treat the higher amount of ore through a combination of conventional gravity concentration and cyanide leach/CIP (carbon in pulp) processes.

To support increased production, Equinox says it also plans to upgrade two power substations, one located at Manaus do Maranhão and the other at the Aurizona plant site.

The mine is a past-producing open-pit operation occupying a 2,250 km² land package. After yielding a total of 329,042 ounces of gold over a period of five years from 2010 to 2015, Aurizona ceased work because former owner Trek (back then called Luna Gold) said that it needed to raise money to build new crushing and grinding circuits to handle tougher ore.

Fonte: Mining

Autora: Valentina Ruiz Leotaud

Data: 09/01/2018



VALE CONCLUI VENDA DA ÁREA DE FERTILIZANTES PARA A MOSAIC

A Vale anunciou na noite de ontem (8), por meio de fato relevante, que concluiu a venda da Vale Fertilizantes para a Mosaic nos termos anunciados na semana passada, com o valor original ajustado para US\$ 1,15 bilhão mais 34,2 milhões de ações da Mosaic. A mineradora afirma que a transação é "mais um passo em direção à redução da dívida e simplificação do portfólio"

"A Vale reafirma a importância de sua parceria com a Mosaic, fortalecendo a exposição da Vale ao mercado mundial de fertilizantes, particularmente nas grandes regiões agrícolas de alto crescimento da América do Norte e do Brasil", declarou a mineradora, em nota.

Segundo a Vale, o total de ações que a mineradora receberá da Mosaic representa 8,9% do capital da empresa após a emissão destas ações com a conclusão da transação.

A Mosaic, por sua vez, também divulgou nota informando a conclusão da operação. Conforme o comunicado, Luciano Siani Pires, diretor Financeiro da Vale desde 2012, foi eleito membro do Conselho de Administração da Mosaic.

"Hoje damos início a uma nova jornada de transformação para construir uma empresa de agronegócio única no mercado brasileiro, que minera, produz, mistura e distribui nutrientes e ajuda o mundo a produzir os alimentos de que precisa. Encaramos essa jornada com uma combinação única de ativos valiosos e profissionais qualificados", diz Rick McLellan, vice-presidente sênior da Mosaic Brasil.

Negociação

Antes de anunciar o ajustamento no negócio, a Vale esperava receber US\$ 2,5 bilhões, sem incluir os ativos de nitrogenados e fosfatados da mineradora localizados em Cubatão (SP), vendidos em novembro de 2017 para a Yara International. No entanto, na última semana, a Vale anunciou ajustes no negócio, excluindo da transação o Terminal Integrador Portuário Luiz Antonio Mesquita (TIPLAM), em Santos (SP), e consequentemente diminuindo em US\$ 1,35 bilhão o negócio.

A unidade da Vale adquirida pela Mosaic tem capacidade de produção de 4,8 milhões de toneladas de fertilizantes fosfatados e 500 mil toneladas de potássio, incluindo cinco minas brasileiras de fosfato, quatro fábricas de produção de químicos e fertilizantes e uma unidade de potássio em Rosário do Catete, no Estado de Sergipe.

Por meio da transação, a Mosaic também adquire a participação de 40% da Vale Fertilizantes na mina de fosfato Miski Mayo, no Peru, bem como o projeto de potássio em Kronau, em Saskatchewan, no Canadá.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 09/01/2018

CIRCULAR DO 7º SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DO DIAMANTE



<https://drive.google.com/file/d/1cZJVO4kloBAdSo3v7TtxywVHao0KzjFg/view>